

CONTINENTE

multicultural

Os melhores cafés de Pernambuco

Cafeterias conquistam adeptos do café especial e estimulam produtores a investir em grãos de qualidade

The best coffees from Pernambuco

Coffee shops gain fans of specialty coffee and encourage producers to invest in quality grains

Cepe
COMPANHIA EDITORA DE
PERNAMBUCO

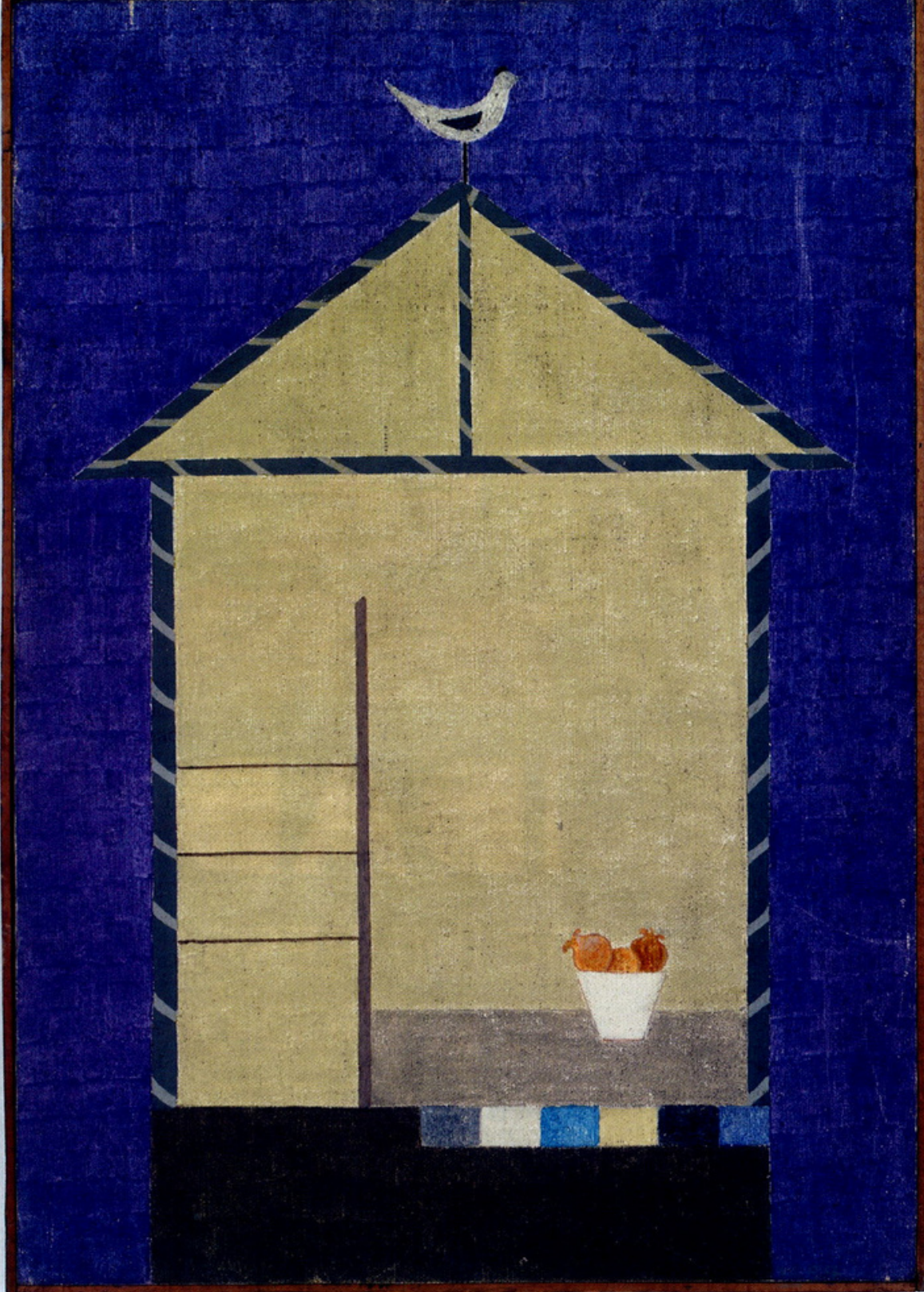
Nesta edição, uma gravura exclusiva de J. Borges

INVERNO

www.revistacontinente.com.br



[R\$ 15]



Barraca com romãs
(1963), têmpera ovo
sobre tela, 45x65 cm

Tent with pomegranates
(1963), egg tempera
on canvas, 45x65 cm

A história quase perdida de uma pintora pernambucana

Admiradora da cultura Fulni-ô e amiga dos modernistas, Suanê construiu uma obra que retrata um Nordeste encantado e se mostra atual

TEXTO/TEXT CARLOS COSTA | FOTOS/PHOTOS ANA VIOTTI

The quasi-lost story of a Pernambuco painter

An admirer of Fulni-ô culture and friend to the modernists, Suanê created work that portrays an enchanted Northeast, and remains up-to-date



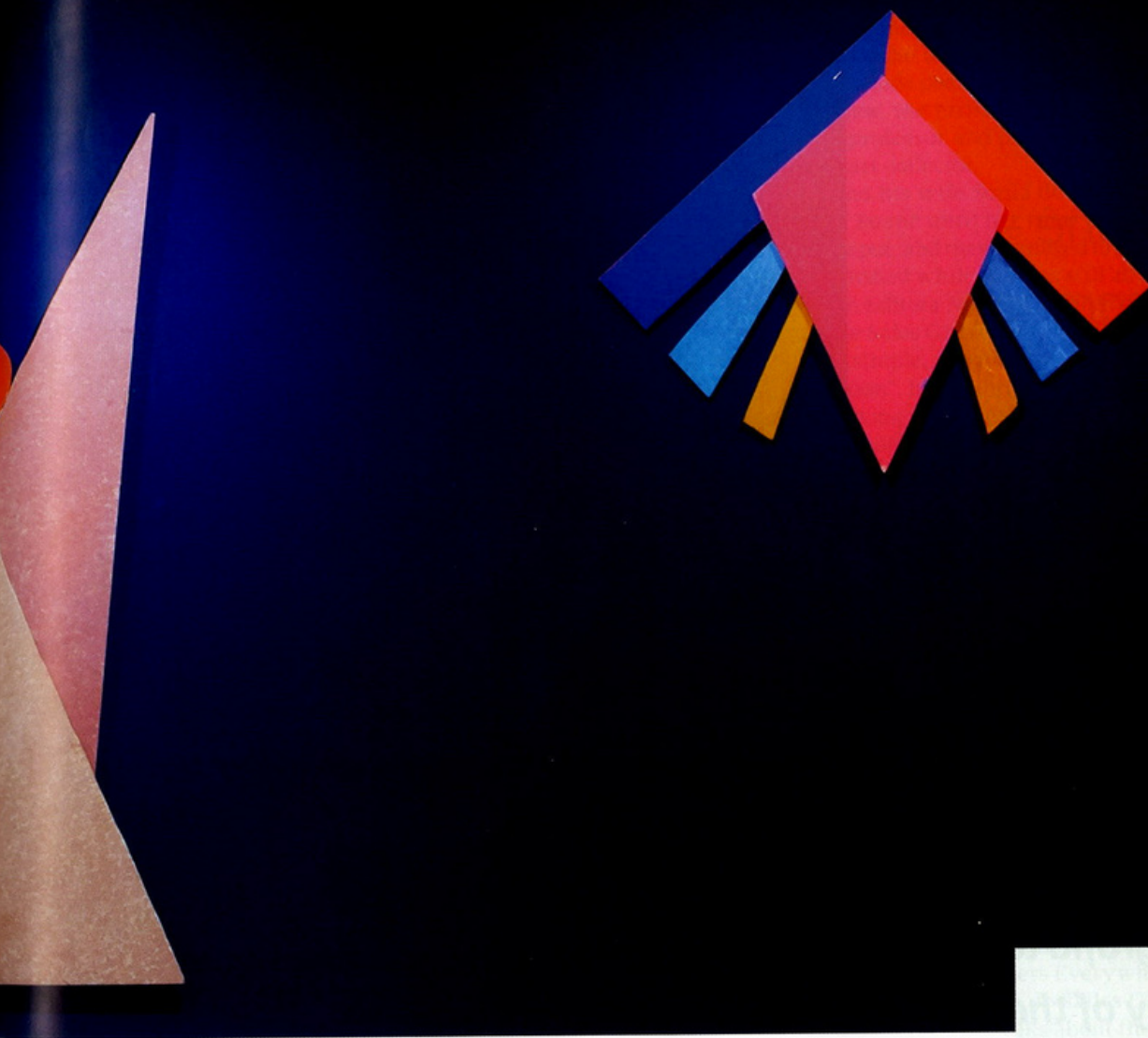
Composição de três obras na exposição do MAC-USP

O Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP) trouxe de volta ao público a obra quase esquecida da pintora Suanê. A exposição retrospectiva coincide com o resgate de histórias apagadas proposto pela 60ª Bienal de Arte de Veneza, que destaca a arte indígena feita no Brasil contemporâneo. A mostra italiana, em cartaz até 24 de novembro próximo, exibe um painel monumental, em seu principal edifício, pintado pelos integrantes do Movimento dos Artistas Huni Kuin (Mahku), do Acre. O pavilhão brasileiro, por sua vez, renomeado em língua Pataxó Hãhãwpuá (“o território antes da colonização”), tem curadoria dos artistas Arissana Pataxó, Denilson Baniwa e Gustavo Caboco Wapichana.

O nome Suanê foi adotado pela artista plástica pernambuca Lúcia de Barros Carvalho (Água Preta, PE, 1922 – São Paulo, SP, 2020) ao começar a pintar, em 1946. Assinava nas telas “Suanê” e só admitia o Lúcia se seguido do nome artístico – que ela contava vir do convívio com

While the 60th Venice Art Biennale highlights indigenous art produced in contemporary Brazil with a monumental panel in its main building – painted by members of the *Huni Kuin (Mahku)* Artists Movement from Acre – and the Brazilian pavilion renamed in the Pataxó language Hãhãwpuá (the territory before colonization) is curated by indigenous artists (Arissana Pataxó, Denilson Baniwa and Gustavo Caboco Wapichana), a remanence of this friction of cultures and the rescue of forgotten stories resonates at the Museum of Contemporary Art at the University of São Paulo (MAC USP): Suanê.

The name, whose origin is uncertain, was adopted by the artist from Pernambuco, born Lúcia de Barros Carvalho (Água Preta, PE, 1922 – São Paulo, SP, 2020), when she began painting in 1946. She signed her paintings “Suanê” and only admitted being referred to as Lúcia if followed by the alias – which, she used to say, came from living with the *Fulni-ô* indigenous people in Águas



Composition of three works in the MAC-USP exhibition

os indígenas Fulni-ô, de Águas Belas, no agreste pernambucano – e significa “vinda das estrelas”.

Em 2009, Lúcia fez a retificação do registro civil para a inserção oficial de Suanê. Mas ela nunca reivindicou ser indígena. Não era essa a questão. O que a movia no uso do nome artístico possuía algo mais subversivo: dar a ver essa cultura, essa poética que foram (e continuam sendo) associados ao selvagem, ao inculto, e, por mais de 70 anos, alimentou a produção de seu trabalho, reunido em uma vasta e significativa obra e que fala muito sobre histórias apagadas.

A presença decisiva de artistas indígenas do Brasil na Bienal de Veneza se compreende por ter o evento, em seus 129 anos de existência, pela primeira vez, um curador da América do Sul, Adriano Pedrosa, diretor artístico do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp), atento às eminentes transformações sociais que ocorrem no cenário global e exigem que vozes, por anos

Belas in the Pernambuco arid region – and means “the one which came from the stars”.

In 2009 Lúcia officially changed her name to Suanê. But she never claimed to be indigenous. That wasn't the point. What led her to use the pseudonym was something more subversive: to reveal this culture and poetry that were (and continue to be) associated with the wild, the uncultured, and which for over 70 years have fueled the output of her work, making up a vast, significant collection, mostly unheard of, and which deal with lots of forgotten stories.

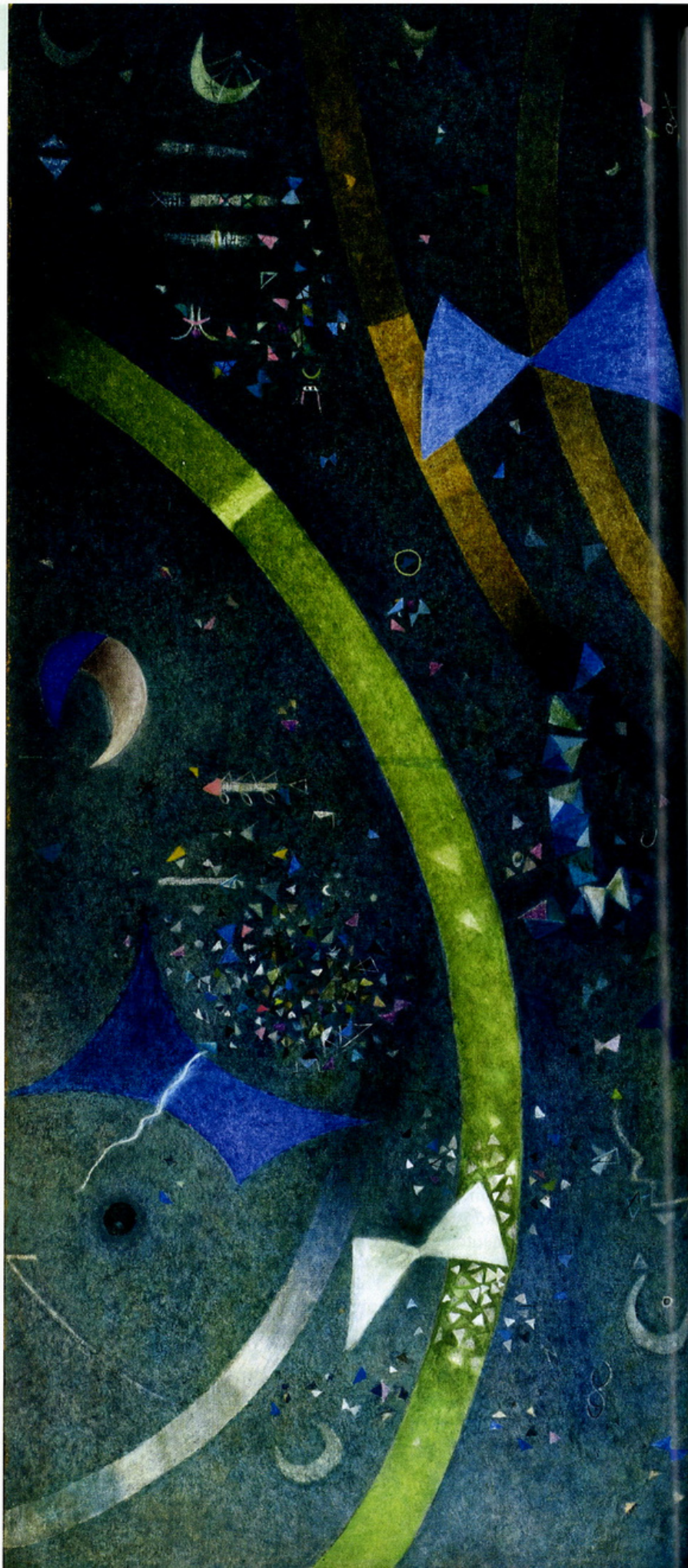
The decisive presence of indigenous artists from Brazil in the most important art biennale in the world is understandable, as for the first time in its 129 years' of existence the event has a curator from South America. Adriano Pedrosa is artistic director of the *Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand* (Masp), attentive to the imminent social transformations occurring on the global

Ricamente
ilustrado, o
livro *Suanê –
Artebiografia*
conta a história
da artista e
apresenta a
variedade de
sua obra

***Richly illustrated,
the book *Suanê –
Artebiografia* tells
the story of the
artist and presents
the variety of
her work***

***Tsakhakat–Xua em verde* (1988),
têmpera ovo sobre tela, 67x92 cm**

Tsakhakat–Xua in green (1988),
egg tempera on canvas, 67x92 cm



emudecidas, recontem a história do mundo. O resgate do trabalho e do nome de Suanê se faz possível graças ao laborioso cuidado de seu sobrinho, o jurista Paulo Barros de Carvalho, destaque no ensino e na prática do direito tributário brasileiro e colecionador de arte.

Paulo e sua esposa, Sonia de Barros Carvalho, acompanharam Suanê até seus últimos anos, em sua criação constante, e conseguiram que, ainda em vida, fosse publicado um livro contando essa história: *Suanê: Artebiografia* (2019, Editora Noeses), escrito pelos historiadores Francisco de Sales Gaudêncio e Hernani Maia Costa. “Era uma pessoa singela, diferente, sem desejo de autopromoção”, ressalta Paulo.

No ano seguinte, em que faleceu a artista, Paulo e Sonia criaram o Projeto Suanê, que catalogou e digitalizou mais de 600 itens desse acervo e realizou pesquisas que, além da exposição do MAC USP, *O Pernambuco Cósmico de Suanê*, geraram o catálogo homônimo da mostra (2024, Editora Noeses), o site do projeto e segue atuante nos estudos e difusão do trabalho da artista.

LIVRO E EXPOSIÇÃO

O livro de arte, de capa dura, grande dimensão e ricamente ilustrado, conta a história de Suanê e apresenta seu trabalho artístico, o tempo-espaço de um Nordeste encantado que, na evolução de sua pintura, foi do pictórico alegórico ao quase abstrato, com signos e símbolos da tradição nordestina presentes em nomes, cores, formas e composições. Sua vida merece uma atenção à parte e revela nuances da migração, da territorialidade, outra vez ecoando com a Bienal italiana, cujo tema é *Stranieri Ovunque – Foreigners Everywhere* (estrangeiros por toda parte).

O historiador Francisco de Sales Gaudêncio, que mora em João Pessoa (PB), conta sobre o processo do livro: “Conheci Suanê em uma entrevista para a biografia do seu sobrinho, Dr. Paulo. Em seguida, começamos o trabalho para a ‘artebiografia’ dela. Foram três anos e o projeto de uma exposição no Recife (PE), mas ela mudou de casa e ocorreu a pandemia alterando os planos”.

Gaudêncio lembra da artista como uma mulher impregnada de arte. Observa, em suas referências sertanejas, o universal contemporâneo. Não esconde também a admiração que a personalidade de Suanê despertou nele: “Eu não sou crítico de arte, sou um historiador. Mas a lembrança do convívio com os indígenas, a admiração por essa cultura e até os hábitos que mantinha me impressionaram”.

O parceiro de escrita, Hernani Maia Costa, endossa o reconhecimento, relacionando as fases da artista a grandes nomes da pintura mundial, como Francisco de Goya (Espanha, 1746 – França, 1828) e Wassily Kandinsky (Rússia, 1866 – França, 1944). Do primeiro, associa os últimos trabalhos, as pinturas negras, a algumas das cenas pernambucanas da pintora; e, do segundo, vê semelhança com a fase cósmica. Foi a Hernani, durante o processo da biografia, que Suanê contou sobre o suposto significado de sua alcunha Fulni-ô.

A exposição do MAC-USP, diferente do livro, não segue uma cronologia e apresenta Suanê em sua atemporalidade

stage and demanding that voices, muted for years, retell the history of the world. The rescue of Suanê’s work and name is made possible thanks to the laborious care of her nephew, the jurist Paulo Barros de Carvalho, a prominent professor and practitioner of Brazilian tax law and an art collector.

Paulo and his wife Sonia de Barros Carvalho, accompanied Suanê until her final years, her constant, reclusive output, and they managed to have a book about her life published while she was still alive: *Suanê: Artebiografia* (2019, Editora Noeses), written by the historians Francisco de Sales Gaudêncio and Hernani Maia Costa. “She was a simple, unique person, with no interest in self-promotion”, highlights Paulo.

The following year when the artist passed away, Paulo and Sonia created the Suanê Project, which cataloged and digitized more than 600 items of her collection, and carried out research that in addition to the MAC USP exhibition *O Pernambuco Cósmico de Suanê* (*Suanê’s Cosmic Pernambuco*), generated the exhibition’s eponymous catalog (2024, Editora Noeses), the project’s website, and continues to be active in the studies and promotion of the artist’s work.

BOOK AND EXHIBITION

The large, richly-illustrated hardcover art book tells the story of Suanê and presents her artistic work, the time and space of an enchanted Northeast that in the evolution of her painting went from the allegorical pictorial to the almost abstract, with signs and symbols of the Northeastern tradition present in names, colors, shapes and compositions. Her life deserves separate attention and reveals nuances of migration, territoriality, once again echoing with the Italian Biennale, whose theme is *Stranieri Ovunque – Foreigners Everywhere*.

The historian Francisco de Sales Gaudêncio, who lives in João Pessoa (PB), talks about the process of the book: “I met Suanê at an interview for the biography of her nephew, Dr. Paulo. Then we started working on her art biography. It took three years in addition to planning an exhibition in Recife (PE), but she moved house and the pandemic started, changing our plans”.

Gaudêncio remembers the artist as a woman steeped in art. And in her countryside references he observes the contemporary universal. He also doesn’t hide the admiration aroused in him by Suanê’s personality: “I’m not an art critic, I’m a historian. But the memory of living with the indigenous people, the admiration for their culture and even the habits she maintained, impressed me.”

His writing partner Hernani Maia Costa endorses the recognition, comparing the artist’s phases to great names in world painting, such as Francisco de Goya (Spain, 1746 – France, 1828) and Wassily Kandinsky (Russia, 1866 – France, 1944). From the former he associates the later work, the black paintings, with some of the painter’s depictions of Pernambuco; and from the latter he sees similarity with the cosmic phase. It was during the process of writing the biography that Suanê told Hernani about the supposed meaning of her *Fulni-ô* name.

dade, mesclando obras de diversas fases e pontuando suas trajetórias e escolhas. A curadoria é do pesquisador Tálison Melo, curador também do Projeto Suanê.

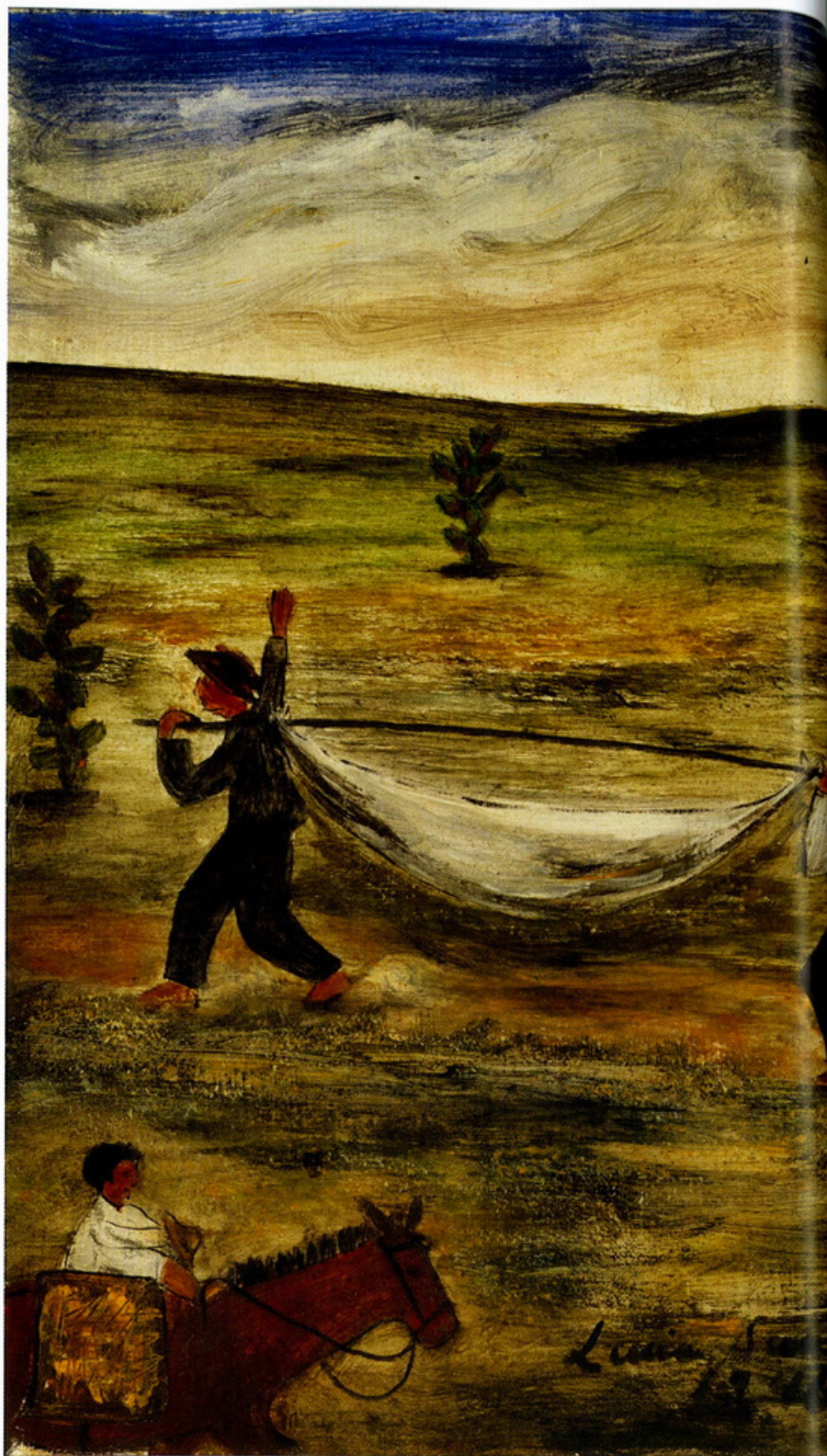
São 62 pinturas que abrangem as sete décadas de trabalho da artista. *O Pernambuco Cósmico de Suanê* está em cartaz até 21 de julho no MAC-USP, tem entrada gratuita, e foi financiada pelo Programas Unidades de Fomento à Cultura (PROAC-SP), da Secretaria da Cultura, Economia e Indústrias Criativas do Estado de São Paulo. Para Tálisson, Suanê tem algo do pintor modernista Cícero Dias (Escada, PE, 1907 – Paris, 2003): “ela viu o mundo e ele começava em Pernambuco”. Ele diz que estudar sua obra e trajetória amplia o entendimento da produção brasileira para além dos cânones.

VINDA DAS ESTRELAS

Lúcia Suanê era uma mulher apaixonante. Todas as pessoas que conviveram com ela, e mesmo as que não a conheceram, mas imergiram em sua vida para a execução do livro e da exposição, nutrem por ela uma admiração que transborda o apreço estético. Paulo de Barros Carvalho, Francisco de Sales Gaudêncio, Hernani Maia Costa e Tálisson Melo, por exemplo, em suas diferentes relações, falam de Suanê com carinho. Isso também se percebe com Sonia, esposa de Paulo, ou as outras integrantes do Projeto Suanê, Fernanda Carvalho, a diretora; Talita Desserie Santos, que responde pela coordenação e conservação; e Fernanda Gonçalves, pela documentação.

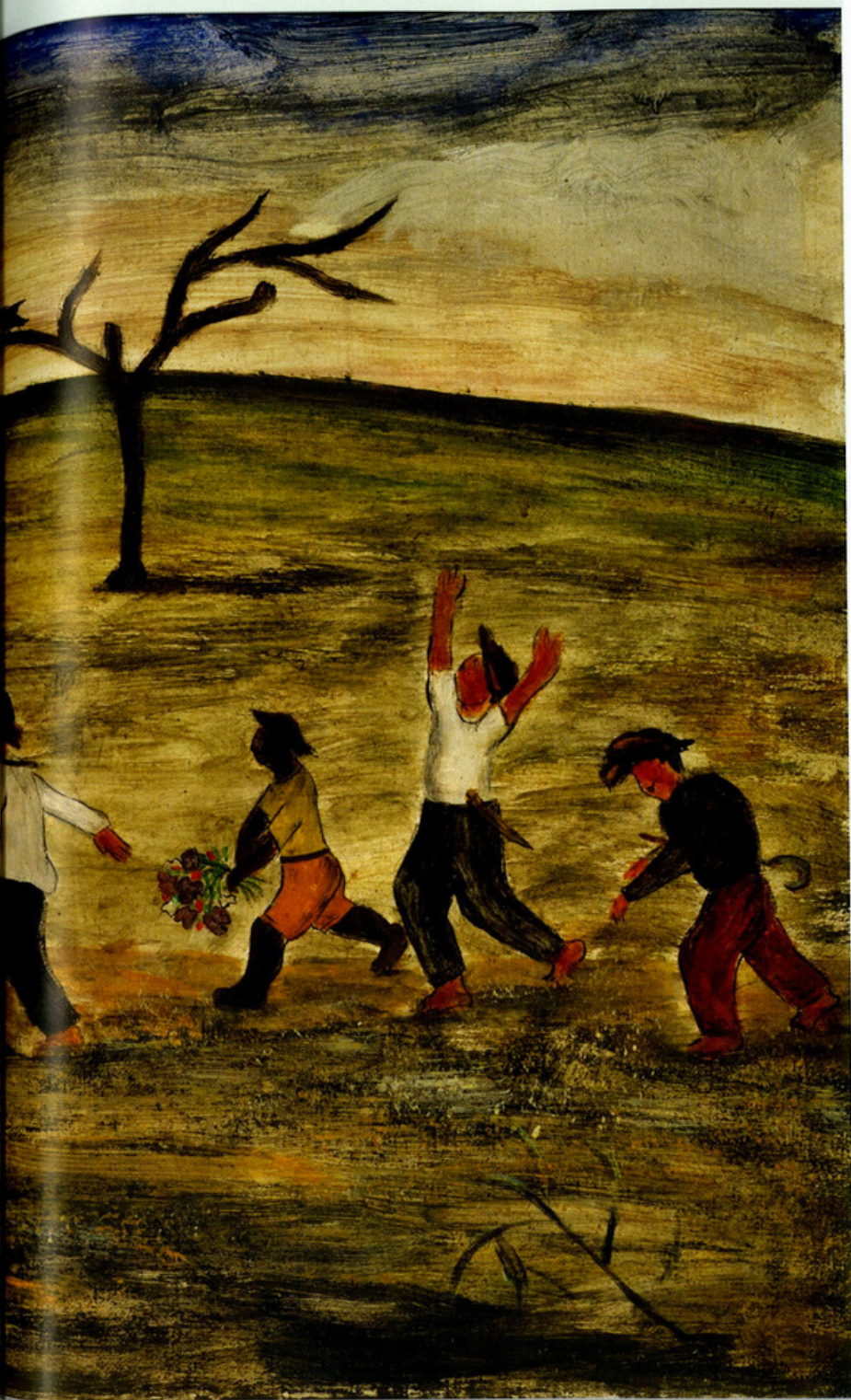
Lúcia nasceu em uma família da aristocracia açucareira, em 5 janeiro de 1922, no Engenho Santo Antônio, na Mata Sul pernambucana. Foi a caçula do casal José de Carvalho Albuquerque, coronel Carvalhinho, e Francisca Gouveia de Barros, dona Francisquinha, que tiveram outros nove filhos, entre eles Antônio de Barros Carvalho, célebre político de Pernambuco e do Brasil e avô do artista plástico Tunga, Antônio José de Barros Carvalho e Mello Mourão (Palmares, 1952 – Rio de Janeiro, 2016).

Suanê e os pais viveram em diferentes cidades pernambucanas. É com essas memórias que constrói sua obra – as festas do interior, feiras, parques de diversão, a religiosidade sertaneja, as paisagens e cores, os símbolos e nomes. Acompanhando a pesquisa da artebiografia, são descobertos episódios curiosos e o gosto especial pelos tempos que ela passava com o irmão mais velho, padre Nelson, em Águas Belas.



Enterro na rede
(1946), óleo sobre
tela (52,3x65,4cm)

Burial in a hammock
(1946), oil on canvas
(52,3x65,4 cm)



The MAC-USP exhibition, unlike the book, does not follow a chronology, but presents Suanê in her timelessness, mixing works from different phases, and punctuating her trajectories and choices. It is curated by researcher Tálison Melo, also curator of Projeto Suanê.

There are 62 paintings that span the artist's seven decades of work. *O Pernambuco Cósmico de Suanê* is on display until July 21st at MAC-USP, where admission is free, financed by the Cultural Promotion Unities Program (PROAC-SP), from the Secretariat of Culture, Economy and Creative Industries of the State of São Paulo. For Tálisson, Suanê has something of the modernist painter Cícero Dias (Escada, PE, 1907 – França, 2003), “she saw the world and it started in Pernambuco”. And he notes that studying her work and trajectory expands the understanding of Brazilian production beyond the canons.

COMING FROM THE STARS

Lúcia Suanê was a passionate woman. All the people who spent time with her and even those who did not know her, but immersed themselves in her life to create the book and the exhibition, have admiration for her that overflows with aesthetic appreciation. Paulo, Francisco, Hernani and Tálisson, for example, in their different relationships, speak of Suanê with affection. This can also be seen in Sonia, her nephew's wife, or the other members of Projeto Suanê, Fernanda Carvalho, the director; Talita Desserie Santos, who is responsible for coordination and conservation; and Fernanda Gonçalves, for documentation.

Lúcia was born into a sugarcane aristocrat family on January 5th 1922 at *Engenho Santo Antônio*, in the South Pernambuco Atlantic Forest region. She was the youngest child of the couple José de Carvalho Albuquerque (Colonel Carvalhinho) and Francisca Gouveia de Barros (Dona Francisquinha), who had nine other children including Antônio de Barros Carvalho, a famous politician in Pernambuco and Brazil and grandfather of the artist Tunga, Antônio



Meu autorretrato parodiando o que N. Nóbrega fez (1970)

My self portrait parody what N. Nóbrega did (1970)

Foi lá que conheceu os Fulni-ô, se aproximou do filho do cacique, chamado Aruana, e viveu seus alumbramentos. Contava ter visto a mula sem cabeça, ouvido muitas histórias de assombração, e ter sentido a passagem de Virgulino Ferreira da Silva, Lampião (Serra Talhada, 1898 – Poço Redondo, 1938).

No livro, conta-se que o tio padre chegou a cuidar de um cachorro ferido do cangaceiro, ter a passagem por uma estrada bloqueada pelo bando liberada e celebrar a missa de sétimo dia de Benjamin Abrahão Botto (Líbano, c. 1890 – Pernambuco, 1938), fotógrafo que registrou Lampião e seu bando, foi misteriosamente assassinado e teve a história contada em livro – *Benjamin Abrahão: Entre anjos e cangaceiros*, de Frederico Pernambucano de Mello, e no cinema – filme *Baile Perfumado* (1997, Paulo Caldas e Lirio Ferreira).

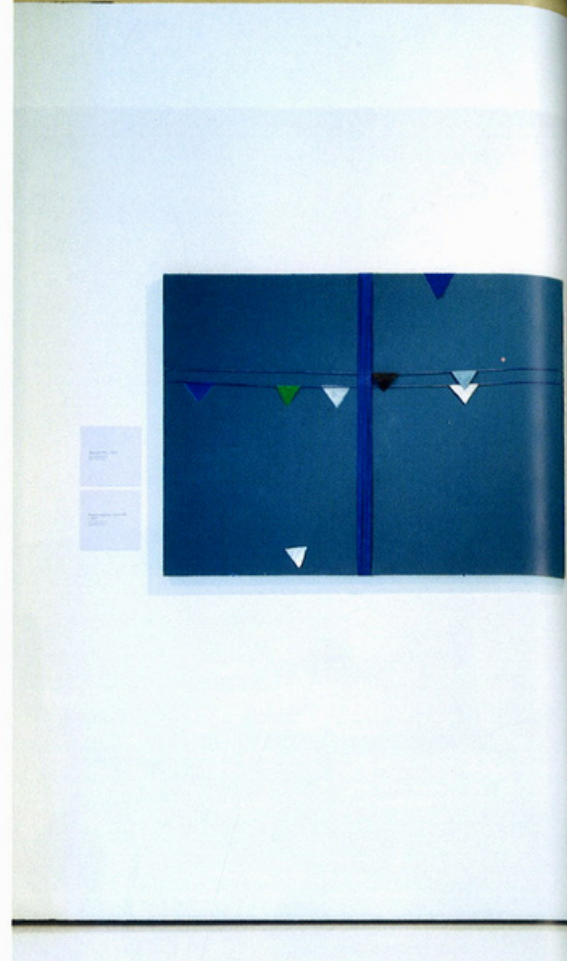
Com o fogo morto se alastrando pelos engenhos, nos anos 1940, Suanê se muda com os pais para São Paulo. Em 1943, contam seus biógrafos, convive com diversos artistas modernistas, por influência de seu irmão Barros de Carvalho, que morava no Rio de Janeiro. Entre eles, o pintor Candido Portinari, (São Paulo, 1903 – Rio de Janeiro, 1962), que ela chamava de Zé Portinari. Foi assim que ela conheceu o também pintor Nelson Nóbrega (São Paulo, 1900 – São Paulo, 1997), com quem se casou em 1945..

José de Barros Carvalho and Mello Mourão (Palmares, 1952 – Rio de Janeiro, 2016).

Suanê and her parents lived in different towns in Pernambuco and it is with these memories that she builds her castle – the country festivals, street fairs, amusement parks, country religiosity, the landscapes and colors, the symbols and names. Following the research into her art biography, one discovers curious episodes and the special fondness for the times she spent with her older brother, Father Nelson, in Águas Belas.

It was there that she was introduced to the *Fulni-ô*, became close to the chief's son, called Aruana, and experienced his wonders. She told of seeing the *mula sem cabeça* ('headless mule', a mystical creature in the Northeast), hearing many stories of hauntings and feeling the passing of Virgulino Ferreira da Silva, Lampião (Pernambuco, 1898 – Sergipe, 1938).

In the book it is said that her priest uncle even came to take care of an injured *cangaceiro*'s (outlaw's) dog, had freed a road blocked by a band of highwaymen, and had said the seventh day mass of Benjamin Abrahão Botto (Líbano, c. 1890 – Pernambuco, 1938), a photographer who photographed Lampião and his gang and was mysteriously murdered, his story told in the movie *Baile Perfumado* (1997, Paulo Caldas and Lirio Ferreira).





A pintora Suanê toca violão durante um encontro social

Painter Suanê plays the guitar during a social meeting

ACERVO PROJETO SUANÊ



O Pernambuco Cósmico de Suanê, em cartaz no MAC

O Pernambuco Cósmico de Suanê, on display at MAC

Formado pela Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro e dono de uma obra de vulto, foi responsável pela estreia de Suanê como pintora, para que nas telas registrasse os casos e as memórias que contava e cantava. Nos anos que viveram juntos, mantiveram o ateliê aberto para aulas de pintura, por onde passaram dezenas de artistas.

NASCE UMA PINTORA

No ano seguinte ao casamento, 1946, Suanê apresentou ao mundo suas pinturas. A primeira exposição ocorreu na Galeria Itá, no centro de São Paulo, com recepção positiva da crítica da época, que a elogiava, mas a enquadrava num aspecto popular, ingênuo.

A primeira obra, *Santa com Anjos* (1945), traz a representação tradicional de anjos com cabelos loiros cacheados e bandeirinhas no alto. Usando a mesma técnica, têmpera, outras 35 telas tinham motivos regionais e títulos com referências explícitas a um Nordeste memorial, *Cafuné*, *Matutos* ou *Cacimba*, por exemplo, e os personagens eram miscigenados, expressivos e diversos. Há, inclusive, Jesus Cristo com chapéu de cangaceiro.

É a fase das cenas pernambucanas, que vai de 1946 a 1951, e representa seu apogeu no cenário das artes. Convia com os artistas do grupo modernista, recebia elogios de renomados críticos e sua obra começava a circular. Par-

With the spread of sugarcane farms being decommissioned in the 1940s, Suanê and her parents moved to São Paulo. Her biographers say that in 1943, influenced by her brother Barros de Carvalho, who lived in Rio de Janeiro, she befriended several modernist artists. Among them, the painter Cândido Portinari (São Paulo, 1903 – Rio de Janeiro, 1962), who she called Zé Portinari. That was how she met fellow painter Nelson Nóbrega (São Paulo, 1900 – São Paulo, 1997), whom she married in 1945.

Graduating from the Rio de Janeiro School of Fine Arts, owner of a work of great value, he was responsible for Suanê's debut as a painter, so that on canvas she could register the stories and memories she told and sang of. During the years they lived together they kept the studio open for painting classes frequented by dozens of artists.

A PAINTER IS BORN

The year after her wedding, 1946, Suanê presented her paintings to the world. The first exhibition took place at the Itá Gallery, in the center of São Paulo, with positive reviews from critics who praised it, but labeled it as a popular, naïve genre.

The first work, *Santa com anjos* (Saint with angels, 1945), features the traditional representation of angels with curly blond hair and little flags on top. Using the same

ticipou de exposições coletivas no Brasil e no Chile, teve dois quadros selecionados para a I Bienal do Museu de Arte de São Paulo, além de obras adquiridas pela Pinacoteca do Estado de São Paulo, por Assis Chateaubriand (Umbuzeiro, 1892 – São Paulo, 1968) – que ela “sequestrou” e destruiu à revelia do comprador, por não gostar do resultado –, e por Ciccillo Matarazzo (São Paulo, 1898 – São Paulo, 1977).

Entre as obras finais dessa fase, em 1951, a convite de Pietro Maria Bardi (La Spezia, 1900 – São Paulo, 1999), pintou os afrescos da capela do Morumbi, reformada pelo arquiteto Gregori Warchavchik (Odessa, 1896 – São Paulo, 1972). Nas paredes do batistério, Suanê fez o batismo de Cristo, com anjos com feições indígenas.

Colaborou com ilustrações para jornais paulistas e, em 1953, para o livro *Poemas* de Ascenso Ferreira (Palmares, PE, 1895 – Recife, PE, 1965), de quem era prima, e começou a recusar novos convites para expor, dando fim a um ciclo. Mas não deixou o convívio com os artistas amigos, sobretudo, ressaltam seus biógrafos, com Alfredo Volpi (Lucca, 1896 – São Paulo, 1988), cuja obra, bastante conhecida, é caracterizada por bandeirinhas semelhantes às de Suanê.

METAFÍSICA, CÓSMICA E TRIDIMENSIONAL

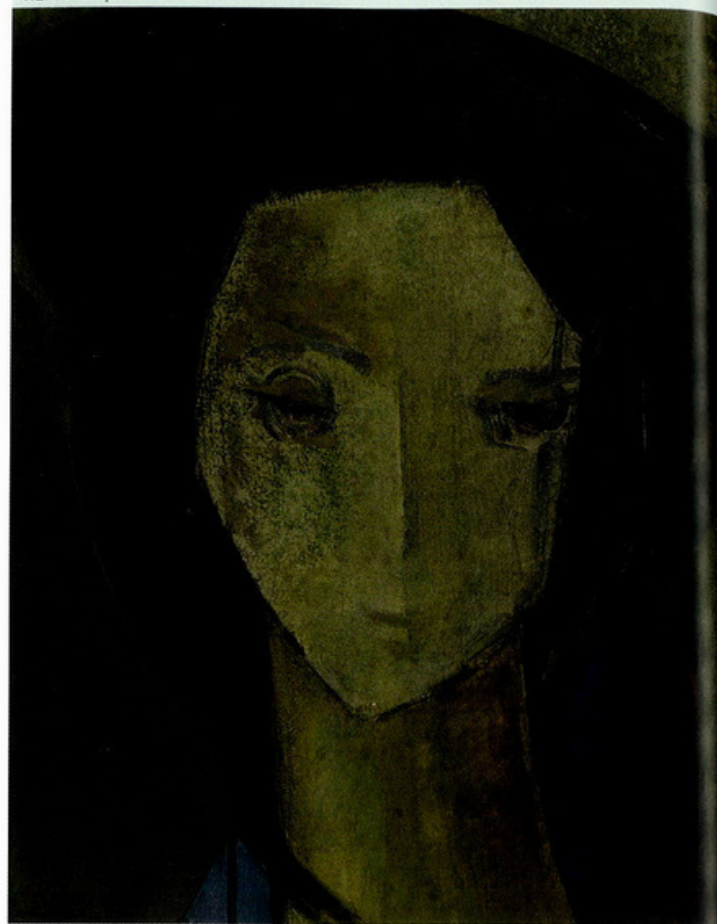
Em 1964, a artista voltou à cena com uma exposição individual na Galeria São Luiz, no centro de São Paulo. Apresentava 26 trabalhos, da fase que o curador Tálisson Melo chama de metafísica e a considera a mais rara em relação às obras mapeadas. Nela, sua figuração está mais sintética, usando a mesma técnica da têmpera. Com pouco, mostra mais. Os títulos e os motivos seguem as referências ao seu Pernambuco constante: *Barraca e Jacutingas*, *Dois Pássaros na Rua do Sol* ou *Um Jacamim*.

Dez anos se passam e a artista volta a expor, em uma parceria com a Embaixada do Brasil, em Bruxelas. Seus biógrafos destacam dessa produção duas obras que apontam para a fase anterior, o retrato *Capitão Virgulino Ferreira, Lampião* (1974), e para o que estava por vir, *Mãe Lua* (1973), a fase cósmica que dá nome à exposição póstuma.

Outro recesso ocorre e a artista expõe em 1988, na Galeria Paulo Vasconcelos, 30 têmperas em que o cromatismo e as formas revelam outro olhar sobre o Pernambuco mítico que a nutria. O abstracionismo que balançou a produção artística, dos anos 1950 até então, ganhava em seu pincel uma feição mágica. Suanê chamou essa fase de arco-íris. Laços, luas, chapéu de cangaceiro, penas e pequenos objetos que remetem outra vez a sertões e indígenas compõem cosmologias, universos coloridos e delicados.

O povo e as memórias Fulni-ô surgem, não apenas nos símbolos, mas nos títulos: *Canto e Fuga de Aruana* (1988), *Tsakhakat-Xua em verde* (1988) e *Cunhantã III* (1988) são exemplos. Dessa vez o termo em língua Fulni-ô, o Yaathe, faz sentido. Tsakhakat-Xua significa arco-íris. No ano seguinte, quatro telas dessa fase são expostas no Panorama da Arte Atual Brasileira/89, do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP).

Após outra pausa, Suanê volta a expor em 2005, na Grifo Galeria de Arte, uma nova fase, uma nova técnica. Agora, pintava com óleo sobre madeira e usava outros materiais, como fios de alumínio, fitas e placas de cobre,



Retrato de Suanê (1979), óleo sobre tela, de Nelson Nóbrega, 32x37 cm

Portrait of Suanê (1979), oil on canvas by Nelson Nóbrega, 32x37 cm

explorando a tridimensionalidade e ultrapassando os limites da tela. Nessa exposição, apresentou a série *Pastoril*, um dos principais espetáculos populares nordestinos que integra o ciclo de festas natalinas.

Pelas mãos e pelos olhos de Suanê, o folgado ganhava outras feições, geométrica e enigmática. Como se seu olhar místico da fase cósmica atingisse o ponto máximo. Os signos se agigantam, saltam da tela e compõem as cenas. Novos trabalhos dessa fase são reunidos na exposição *Sertões*, em 2007, na Paulo Darzé Galeria de Artes, em Salvador (BA). E em outras cinco séries mapeadas por seus biógrafos: *Chuva*, *Festas*, *Memórias*, *Lugares* e *Luas*.

A despeito da idade avançada e de problemas de visão, foi quando a artista realizou as obras de maior dimensão e grau de exigência física, devido ao peso das madeiras e às intervenções com outros materiais.

Nesse conjunto diverso há obras como *Aldeia Fulni-ô* (2006), voltando ao tema indígena; ou *O Circo* (2016) e *Noite de São João* (2017), em que atinge expressividade e significado com formas mínimas. Além das peças da série *Memórias*, em que retrata os antepassados com uma poética memorialística que lembra Graciliano Ramos em seu clássico *Infância* (1945).



**Capitão Virgulino Ferreira, Lampião (1974),
têmpera ovo sobre madeira, 44x31 cm**

Capitão Virgulino Ferreira, Lampião (1974),
egg tempera on wood, 44x31 cm

technique, tempera, another 35 canvases had regional motifs and titles with explicit references to a memorial Northeast, *Cafuné* (stroking), *Matutos* (rednecks) or *Cacimba* (water well), for example, and the characters were mixed-race, expressive and diverse. There is even a Jesus Christ with a *cangaceiro* (type of folklore outlaw) hat.

This is the phase of the Pernambuco scenes, which runs from 1946 to 1951, and represents her peak on the art scene. She mingled with artists from the modernist group, was praised by renowned critics and her work began to circulate. She took part in group exhibitions in Brazil and Chile, had two paintings selected for the 1st Biennial of the São Paulo Museum of Art, in addition to works acquired by the *Pinacoteca do Estado de São Paulo*, by Assis Chateaubriand (Paraíba, 1892 – São Paulo, 1968) – which she stole back and destroyed without the buyer's knowledge, because she didn't like them –, and by Cicillo Matarazzo (São Paulo, 1898 – São Paulo, 1977).

Among the final works in this phase, in 1951, at the invitation of Pietro Maria Bardi (Italy, 1900 – São Paulo, 1999), she painted the frescoes in the Morumbi chapel, renovated by the architect Gregori Warchavchik

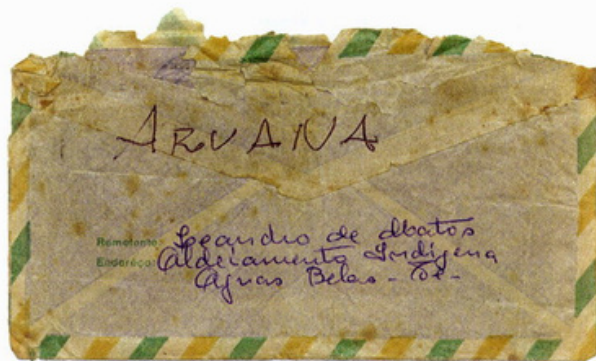
(Ukraine, 1896 – São Paulo, 1972). On the walls of the baptistery, Suanê portrayed the baptism of Christ, surrounded by angels with indigenous features.

She provided illustrations for São Paulo newspapers and also for the book *Poemas* by Ascenso Ferreira (Palmares, PE, 1895 – Recife, PE, 1965), of whom she was a cousin, and in 1953 she began turning down new invitations to exhibit, putting an end to this cycle. But she did not stop spending time with her artist friends, especially, the biographers point out, with Alfredo Volpi (Italy, 1896 – São Paulo, 1988), whose well known work is characterized by little flags similar to those of Suanê.

METAPHYSICAL, COSMIC AND THREE-DIMENSIONAL

In 1964 the artist returned to the scene with a solo exhibition at São Luiz Gallery in the center of São Paulo. It presented 26 works from the phase that curator Tálisson Melo calls metaphysic, and considers the rarest in relation to the known works. In it her figuration is more synthetic, using the same tempera technique. With less it shows more. The titles and motifs follow the references to her constant Northeast: *Barraca e jacutingas* (Tent and jacutingas), *Dois pássaros na Rua do Sol* (Two birds at Rua do Sol) or *Um jacamim* (a type of bird).

Ten years go by and the artist exhibits again, in partnership with the Brazilian Embassy in Brussels. Her biographers highlight two works from this production that point to the previous phase, the portrait *Capitão Virgulino Ferreira, Lampião* (1974), and for what was



Correspondência de Suanê com integrante dos Fulni-ô, de onde surgiu o nome artístico dela

Suanê's correspondence with a member of Fulni-ô, where her artistic name came from

No entanto, o nome da artista permaneceu no ostracismo até esta recente retomada. Antes da exposição do MAC-USP, uma busca na Internet revelaria poucas e curtas referências e seus 70 anos de trabalho eram ignorados. Agora, já se veem textos que remontam sua história, mas ainda é pouco para o potencial do conjunto.

Seria essa ausência justificada por ser mulher, nordestina e avessa à badalação artística e aspectos convencionais do *métier*? Para o curador Tálisson Melo, a questão de gênero é relevante, assim como o desinteresse da artista pelas discussões sobre o abstrato e o concreto que dominaram a produção da segunda fase modernista. Sua poética pictórica também parece não se enquadrar nos nomes e definições que vigoravam de um Nordeste previsível.

De todos os modos, Suanê volta ao céu das artes plásticas brasileiras e sua estrela aponta para a necessidade urgente de romper com as normas impostas, o coro geral, de derrubar fronteiras, olhar para os pontos cegos, trazendo à luz o que foi silenciado.

FULNI-Ô

Único grupo indígena do Nordeste (sem considerar municípios maranhenses localizados na Amazônia legal) que conseguiu manter ativa a própria língua, o Yaathe, os Fulni-ôs foram estimados pelo Instituto Socioambiental (ISA) em 4,6 mil pessoas (2014).

Habitam duas aldeias em Águas Belas, uma junto à cidade e ao rio Ipanema (daí o significado do nome Fulni-ô,

Antes da mostra no MAC-USP, uma busca na Internet revelaria poucas referências, em 70 anos de trabalho

Before the exhibition at MAC-USP, an internet search would reveal few references, in 70 years of work

povo das margens do rio) e a outra em local sagrado, onde realizam o ritual do Ouricuri, entre agosto e outubro. O ritual é secreto, conduzido em Yaathe e mescla religiosidade e organização política. Secreta também é a língua, cujo ensino para não indígenas é proibido.

Produzem artesanato e utilitários com palha da palmeira ouricuri e suas manifestações culturais incluem dança e música. Há registros sobre os Fulni-ôs habitando essa região, desde meados do século XVIII, quando eram chamados de carnijós.

No acervo do Projeto Suanê há uma carta remetida a ela por Aruana, isto é, Leandro de Matos, em 26 de fevereiro de 1964. E pouco mais se sabe sobre essa relação. Criativa, espirituosa e livre, Suanê gostava de fantasias, dar apelidos às pessoas e confundir seus ouvintes com histórias inventadas e reais. A diretora do Projeto Suanê, Fernanda Carvalho, visitou a aldeia Fulni-ô em busca de informações sobre esse convívio e pouco conseguiu descobrir.

Do mesmo modo que pintava e repintava suas telas, destruindo as que não lhe agradavam, tecia e destecia memórias, buscando essências, perfeições. Como ela mesma a si, certa vez, referiu-se, era uma Penélope, que, na mitologia grega, tinha em suas mãos o seu próprio tempo-espço encantado.

CARLOS COSTA, jornalista, graduado pela UFPE, começou sua carreira no Diário de Pernambuco

to come, Mãe Lua ("Mother Moon", 1973), the cosmic phase that gives its name to her posthumous exhibition.

Another recess occurs and the artist exhibits in 1988 at the Paulo Vasconcelos Gallery, 30 temperas in which the chromaticism and shapes reveal another look at the mythical Northeast that nourished her. The abstractionism that shook artistic production from the 1950s until then took on a magical appearance under her brush. Suanê called this phase the rainbow one. Bows, moons, *cangaceiro* hats, feathers, small objects that once again refer to the *sertão* (arid region of the northeast) and the indigenous people, compose cosmologies, colorful and delicate universes.

The *Fulni-ô* people and memories appear not only in the symbols, but in the titles: *Canto e fuga de Aruana* (1988), *Tsakhakat-Xua em verde* (1988) e *Cunhantã III* (1988) are examples. And this time the term in *Fulni-ô* language, the *Yaathe*, makes sense. *Tsakhakat-Xua* means rainbow. The following year four canvases from this phase were shown at the *Panorama da Arte Atual Brasileira/89* ("Panorama of Current Brazilian Art/89"), at the São Paulo Museum of Modern Art (MAM/SP).

After another break, Suanê once again exhibited in 2005, at Grifo Art Gallery, a new phase, a new technique. Now she painted with oil on wood and used other materials, such as aluminum wires, ribbons and copper plates, exploring three-dimensionality and going beyond the limits of the canvas. In this exhibition, she presented the *Pastoril* series, one of the main popular dances in the Northeast that is part of the Christmas festivities cycle.

Through Suanê's hands and eyes the dance took on other features, geometric and enigmatic. As if her mystical gaze from the cosmic phase had reached its summit. The signs grow larger, jump off the screen and compose the scenes. New works from this phase are brought together in the exhibition *Sertões*, in 2007, at Paulo Darzé Arts Gallery in Salvador (BA). And in five other series mapped by her biographers: *Chuva* (Rain), *Festas* (Parties), *Memórias* (Memories), *Lugares* (Places) and *Luas* (Moonbeams).

Despite her advanced age and failing eyesight, it was when the artist created the largest and most physically demanding works, due to the weight of the wood and interventions with other materials.

In this diverse set there are works such as *Aldeia Fulni-ô* (Fulni-ô settlement, 2006), returning to the indigenous theme; or *O Circo* (The circus, 2016) and *Noite de São João* (Saint John's Night, 2017), in which she achieves expressiveness and meaning with minimal forms. In addition to the pieces in the series *Memórias*, in which she portrays her ancestors with a memorialist poetry reminiscent of Graciliano Ramos in his classic *Infância* (1945).

However, the artist's name remained ostracized until this recent resumption. Before the MAC-USP exhibition

an internet search would reveal few, short references, and her 70 years of work would be ignored. Now we begin to see texts that retrace her history, but it is still timid when compared to the actual number of her works.

Would this absence be justified for her being a woman from the Northeast and averse to the artistic *métier*? For curator Tálisson Melo the issue of gender is relevant, as is the artist's lack of interest in the abstract and concrete issues that dominated the production of the second modernist phase. Her pictorial poetry also seems not to fit into the classification and definitions that prevailed in a predictable Northeast.

In any case, Suanê returns to the sky of Brazilian visual arts and her star points to the urgent need to break with the imposed norms, the general chorus, to break down borders, look at blind spots, bringing to light what has been silenced.

FULNI-Ô

The only indigenous group in the Northeast (without considering municipalities in Maranhão in the Amazon) that managed to keep their own language active, *Yaathe*, the *Fulni-ôs* were estimated by the *Instituto Socioambiental* (ISA) to number about 4,600 people (2014).

They live in two villages in Águas Belas, one near the town and the Ipanema River (hence the meaning of the name *Fulni-ô*, 'people on the banks of the river') and the other in a sacred place where they perform the *Ouricuri* ritual, between August and October. The ritual is secret, conducted in *Yaathe* and mixes religion and political organization. Also secret is the language, the teaching of which to non-indigenous people is prohibited.

They produce handicraft and utensils with straw from the *ouricuri* palm tree and their cultural manifestations include dance and music. There are records of them inhabiting this region since the mid-18th century, when they were called *Carnijós*.

In the Suanê Project collection there is a letter sent to her by Aruana, Leandro de Matos, on February 26th 1964. And little else is known about this relationship. Creative, witty and free, Suanê enjoyed fantasy, giving people nicknames and confusing her listeners with invented and real stories. The director of the Suanê Project, Fernanda Carvalho, visited the *Fulni-ô* village in search of more information on this coexistence, but found very little.

In the same way that she painted and repainted her canvases, destroying those she didn't like, she wove and untethered memories, searching for essences, perfections. As she herself once said, she was as Penelope, who in Greek mythology had her own enchanted time and space in her hands.

CARLOS COSTA, journalist, graduated from UFPE, began his career at *Diário de Pernambuco*. Translation DAVID HUNT